

TESTE DE PORTUGUÊS

7.º Ano

Nome: _____ Nº: _____ Ano/Turma: _____

Classificação: _____ O/A Professor(a): _____

O Encarregado de Educação: _____ / _____ 2014

GRUPO I- COMPREENSÃO ORAL (10 pts)

1. Ouve com atenção o conto africano “O tecido, o ferro e a prata” e assinala para cada item a única opção correta.

1. Uma mulher tinha três filhos. O mais velho chamava-se

- a) Tecido.
- b) Ferro.
- c) Prata.
- d) Cobre.

2. Os quatro viviam

- a) na cidade.
- b) à beira-mar.
- c) na floresta.
- d) na montanha.

3. Os filhos viram-se obrigados a mudar de casa porque

- a) metade foi destruída por um incêndio.
- b) não tinham de comer nem de beber.
- c) perderam o emprego.
- d) queriam arranjar noiva.

4. Ao fim de muitos anos, os três homens

- a) continuavam pobres e miseráveis.
- b) sentiram saudades da mãe e decidiram visitá-la.
- c) casaram e tiveram filhos.
- d) tornaram-se ricos e poderosos.

5. Dos três irmãos,

- a) só o mais velho queria rever a mãe.
- b) nenhum voltou a preocupar-se com a mãe.
- c) o do meio era o mais apegado à mãe.
- d) o menos ganancioso era o mais novo.

6. Um dia, a mãe decidiu procurar o filho mais velho

- a) que, quando a viu, a abraçou emocionado.
- b) que já ia à procura dela.
- c) mas este não a reconheceu.
- d) mas as pessoas da aldeia não a deixaram aproximar-se.

7. Quando encontrou a aldeia do filho do meio

- a) a mãe caiu na cama, muito doente.
- b) foi recebida com beijos e abraços.
- c) soube que ele tinha ido à sua procura.
- d) a mãe rogou-lhe uma praga.

8. O filho mais novo esquecera-se da mãe,

- a) por isso expulsou-a de casa.
- b) mas ficou muito feliz por revê-la.
- c) por isso não a reconheceu com as roupas velhas que levava vestidas.
- d) mas construiu-lhe uma casa nova.

9. A velha mãe acabou por morrer em casa do filho mais novo

- a) de emoção.
- b) de velhice.
- c) de doença.
- d) de uma queda.

10. Com este conto africano ficámos a saber porque

- a) se deve sair cedo da casa dos pais.
- b) o ferro acaba no lixo, enferrujado.
- c) os dias, no inverno, são mais curtos.
- d) a bondade é recompensada.

GRUPO II- LEITURA (40 pts)

Lê o texto com muita atenção e responde às questões com frases completas.

Cena IX

(...)

- 1 **PASTOR:** Estais cansado, senhor, é natural. Da gruta...
REI: ... que gruta?
PASTOR:... até aqui, ainda é um bom esticção! Vinde comigo que está tudo pronto para vos receber.
- 5 **BOBO:** Isto é que é um reino, palavra de honra! (*Aponta para si e para o rei*) Até para dois pobres de Cristo como nós têm receção apurada! Hás-de convir, senhor, que coisa assim nem no tempo em que tu eras rei de...
REI (*zangado*): EU SOU REI DE HELÍRIA!
BOBO: Pronto, pronto, não estragues tudo quando tudo está tão bem encaminhado! (*Olha em volta*) Mas que correrias por aqui vão! Ah!, senhor, até parece que estou a ver o último banquete que deste, aquele em que as tuas filhas... (*Para*)
REI: Deves estar confundido, meu pobre tonto. Eu nunca tive filhas. Por isso estou aqui contigo: porque não tive ninguém que me sucedesse no reino, e já estava velho de mais para o governar. Os deuses quiseram assim, e...
- 15 **BOBO:** Os deuses não tiveram nada a ver com isso, senhor! Foram as tuas filhas...
REI (*como se não o ouvisse, e continuando o que estava a dizer*)... e contra a vontade dos deuses, nada podemos fazer.
BOBO: As tuas filhas, senhor! Essas desalmadas é que...
REI (*na mesma*): Que pena eu nunca ter tido filhas. Tenho a certeza de que teria sido um bom pai para elas... (*Volta a cheirar o ar*) Hummmm... Que bem que cheira! Já me tinha esquecido de como o ar de repente se pode encher de aromas que nos lembram o verão, as cigarras, o pão quente sobre a mesa, o vento a fazer dançar o centeio...Hummmmm... Cheira a...
(*Entram Reginaldo e Violeta*)

Cena X

Os mesmos mais Reginaldo e Violeta

- 25 **PRÍNCIPE REGINALDO:** Cheira a violetas, meu senhor, que é a flor que enche os jardins do meu reino!
REI (*estremece*): Esta voz... Quem me fala? Quem está junto de mim? Bobo, bobo, quem foi que falou?
BOBO (*olhando para Reginaldo, também intrigado*): Onde é que eu já vi esta cara?
- 30 **PRÍNCIPE REGINALDO:** Sou o rei deste reino que agora vos acolhe.
REI (*desconfiado*): Como soubeste que eu vinha?
REGINALDO: Um pastor dos nossos rebanhos encontrou-vos numa gruta, e prometeu-vos guarida.
REI: E pode um pastor falar assim em nome do seu senhor?
- 35 **PRÍNCIPE REGINALDO:** No meu reino nunca se recusou entrada a quem estivesse necessitado de descanso.
VIOLETA: E vós bem precisado estais de descansar...
REI: Esta voz... esta voz...
BOBO: Esta voz... Estes olhos... Esta maneira de andar... Mas onde é que já a vi?
- 40 **VIOLETA:** Irei mandar que vos dêem um novo manto, que esse que trazeis tem mais rasgões do que tecido. (*Sai*)

REI: Não quero outro manto. O manto que um dia tive, entreguei-o a quem não o mereceu. Este manto me tem servido desde então, já não saberia viver com outro.

45 **PRÍNCIPE REGINALDO:** Mas disse-me, senhor: quem sois, e por que andais por estes sítios? No meu reino não há dragões para matar, não há maldições de bruxas para quebrar, e os ogres e lobisomens há muito que daqui fugiram. Não é lugar que dê glória a ninguém, como podeis verificar.

REI: Já não tenho idade para essas glórias... Quanto ao meu nome, sou Leandro, rei de...

50 **BOBO** (*aparte*): Pronto, lá lhe voltaram as manias de grandeza... (*Baixinho para o rei*): Senhor, onde é que isso já vai! Foste rei, foste, mas há tanto tempo que eu nem sei, ao certo, se isso aconteceu de verdade, ou se fui eu que sonhei e me convenci de que tinha vivido o que era só fantasia da minha cabeça de pouco tino.

REI: EU SOU REI DE HELÍRIA!

PRÍNCIPE REGINALDO: Mas, senhor, perdoai que vos diga, a Helíria já não existe.

55 **REI:** A HELÍRIA HÁ-DE EXISTIR SEMPRE!

PRÍNCIPE REGINALDO: Pois a mim disseram-me que tinha sido dividida em dois reinos, e que o rei com eles presenteara as suas duas filhas mais velhas.

REI (*baixinho*): Eu não tenho filhas, eu não tenho filhas...

60 **PRÍNCIPE REGINALDO:** E mais me disseram: que elas em breve se desentenderam, expulsaram o pai das suas fronteiras, e passam agora o tempo a guerrearem-se uma à outra.

BOBO (*para o pastor*): Ouve lá, quem te mandou dar com a língua nos dentes? contei-te a história do velho, mas não tinhas nada que vir logo metê-la nos ouvidos do teu patrão!

PASTOR: Juro que não lhe contei nada!

BOBO: Então como sabe ele tudo o que se passou?

65 **PASTOR:** As notícias correm...

BOBO: Trazidas por quem? Será que o vento tem boca? Será que as aves falam?

PASTOR: Dessas coisas não entendo. Dessas coisas quem entende...

BOBO: É a tua Briolanja, já sei... Não terá sido ela, por acaso, a contar a minha história ao teu rei? Quer dizer: tu chegaste e foste logo a correr enfiar-lhe tudo no bucho, e vai ela depois contou tudo ao rei.

70 **PASTOR:** É... Mesmo a minha Briolanja não tem mais nada que fazer senão andar aos segredinhos no palácio real... Vamos mas é embora que o banquete está a começar e, se nos atrasamos, quando lá chegarmos só restam ossos nas travessas!...

BOBO: Banquete? Isto mete banquete?

75 **PASTOR:** Eu disse-te que aqui toda a gente era bem recebida!

Cena XI

Reginaldo, Violeta, Leandro, Pastor, Bobo, Criados

(*O banquete vai começar*)

VIOLETA (*para o rei*): Para vós, senhor, escolhemos as melhores iguarias deste reino.

80 **PASTOR** (*para o Bobo*): Verdade! Até a minha Briolanja veio dar uma ajuda na cozinha! Que não é para me gabar, mas ela faz um javali assado com molho de mandrágoras que é um mimo (*beija as pontas dos dedos*).

VIOLETA: Espero que esteja tudo a vosso contento.

(*Criado põe nas mãos do rei o primeiro prato: o rei prova e delicadamente põe de lado*)

85 **VIOLETA:** Talvez o javali não seja o vosso prato predileto. Que tal um assado de borrego? (*Faz sinal a outro criado que avance. O criado entrega o segundo prato. O rei prova e, enjoado, põe de lado*)

VIOLETA: Experimentemos o peixe. Uma truta fresquinha, pescada há pouco nas águas do nosso rio. (*Outro criado avança com o terceiro prato. O rei prova, faz uma careta e põe de lado. A partir*

90 *daqui sucedem-se, em ritmo muito rápido, as várias entregas dos pratos pelos criados, e a rejeição do rei, num crescendo de desagrado até acabar por dar um safanão nos criados, deitar ao chão as travessas, etc., etc....)*

REI (*explode*): Basta! Não sei que reino é este, não sei que hospitalidade é esta que me põe na boca comida intragável!

VIOLETA (*espantada*): Intragável, senhor?

95 **REI**: Intragável! (*Cospe várias vezes*) Podre!

VIOLETA: Impossível, senhor! A truta foi pescada há pouco e...

PASTOR:...e pelo javali da minha Briolanja ponho eu as mãos no fogo!

REI: Será alguma conspiração para me envenenar?

VIOLETA: Acalmai-vos, senhor, aqui ninguém vos quer matar!

100 **REI**: Mas então que comida é esta que me servistes nestes pratos todos que cada um parecia pior que o anterior?

VIOLETA (*pausadamente*): É apenas comida sem sal, senhor.
(...)

Alice Vieira, *Leandro, Rei da Helíria*

1. Situa a ação no espaço.
2. Indica a importância destas cenas no desenvolvimento da ação.
3. Na tua opinião, porque será que o Rei afirma que nunca teve filhas?
4. Explica por que motivo as falas do Rei, nas linhas 8, 53 e 55, estão em letras maiúsculas.
5. Quando questionado pelo Bobo, que o acusou de ter contado o segredo do Rei ao seu Príncipe, o Pastor foi sincero na sua resposta? Explica.
 - 5.1. De seguida, o Pastor responde com ironia às dúvidas do Bobo. Transcreve a passagem do texto que comprova esta afirmação.
 - 5.2. Que artimanha usou o Pastor para distrair o Bobo e fazê-lo esquecer-se das suas desconfianças?
6. Dá-se início ao banquete e vão sendo servidos vários pratos ao Rei.
 - 6.1. Mostra, através das indicações cénicas, que a reação do Rei vai sendo cada vez mais intensa.
7. O que pretendia Violeta ao dar este banquete ao Rei?
8. Lê agora o conto tradicional popular que serviu de inspiração ao texto de Alice Vieira e apresenta pontos de contacto e de afastamento entre peça *Leandro, Rei da Helíria* e este conto recolhido por Teófilo Braga:

Um rei tinha três filhas; perguntou a cada uma delas por sua vez, qual era a mais sua amiga. A mais velha respondeu:

– Quero mais a meu pai, do que à luz do Sol.

Respondeu a do meio:

– Gosto mais de meu pai do que de mim mesma.

A mais moça respondeu:

– Quero-lhe tanto, como a comida quer o sal.

O rei entendeu por isto que a filha mais nova o não amava tanto como as outras, e pô-la fora do palácio. Ela foi muito triste por esse mundo, e chegou ao palácio de um rei, e aí se ofereceu para ser cozinheira. Um dia veio à mesa um pastel muito bem feito, e o rei ao parti-lo achou dentro um anel muito pequeno, e de grande preço. Perguntou a todas as damas da corte de quem seria aquele anel. Todas quiseram ver se o anel lhes servia: foi passando, até que foi chamada a cozinheira, e só a ela é que o anel servia. O príncipe viu isto e ficou logo apaixonado por ela, pensando que era de família de nobreza.

Começou então a espreitá-la, porque ela só cozinhasse às escondidas, e viu-a vestida com trajes de princesa. Foi chamar o rei seu pai e ambos viram o caso. O rei deu licença ao filho para casar com ela, mas a menina tirou por condição que queria cozinhar pela sua mão o jantar do dia da boda. Para as festas de noivado convidou-se o rei que tinha três filhas, e que pusera fora de casa a mais nova. A princesa cozinhou o jantar, mas nos manjares que haviam de ser postos ao rei seu pai não botou sal de propósito. Todos comiam com vontade, mas só o rei convidado é que não comia. Por fim perguntou-lhe o dono da casa, porque é que o rei não comia? Respondeu ele, não sabendo que assistia ao casamento da filha:

– É porque a comida não tem sal.

O pai do noivo fingiu-se raivoso, e mandou que a cozinheira viesse ali dizer porque é que não tinha botado sal na comida. Veio então a menina vestida de princesa, mas assim que o pai a viu, conheceu-a logo, e confessou ali a sua culpa, por não ter percebido quanto era amado por sua filha, que lhe tinha dito, que lhe queria tanto como a comida quer o sal, e que depois de sofrer tanto nunca se queixara da injustiça de seu pai. (In <http://salua.blogs.sapo.pt/1247.html>- cons. dia 04/06/2014)

GRUPO III- GRAMÁTICA (50 pts)

1. Classifica as orações sublinhadas nos enunciados que se seguem:

- a) "Foste rei, foste, mas há tanto tempo que eu nem sei, ao certo, se isso aconteceu de verdade, ou se fui eu que sonhei e me convenci de que tinha vivido o que era só fantasia da minha cabeça de pouco tino." (ll. 50-52)
- b) "Foste rei, foste, mas há tanto tempo que eu nem sei, ao certo, se isso aconteceu de verdade, ou se fui eu que sonhei e me convenci de que tinha vivido o que era só fantasia da minha cabeça de pouco tino." (ll. 50-52)
- c) "Contei-te a história do velho, mas não tinhas nada que vir logo metê-la nos ouvidos do teu patrão!" (ll. 61-62)
- d) "Que não é para me gabar, mas ela faz um javali assado com molho de mandrágoras que é um mimo" (ll. 79-80)

2. Transforma as falas seguintes e passa-as para o discurso indireto.

- a) "**PASTOR**:... (...) Vinde comigo que está tudo pronto para vos receber." (ll. 3-4)
- b) "**REI**: Deves estar confundido, meu pobre tonto. Eu nunca tive filhas. Por isso estou aqui contigo: porque não tive ninguém que me sucedesse no reino, e já estava velho de mais para o governar." (ll. 12-13)
- c) "**PRÍNCIPE REGINALDO**: Cheira a violetas, meu senhor, que é a flor que enche os jardins do meu reino!" (ll. 25-26)
- d) "**VIOLETA**: Experimentemos o peixe." (l. 87)
- e) "**VIOLETA**: Acalmai-vos, senhor, aqui ninguém vos quer matar!" (l. 99)

- 3.** Identifica o processo de formação das palavras que se seguem:
- a)** Rádio-despertador;
 - b)** Psicologia;
 - c)** Noitada;
 - d)** Infeliz;
 - e)** Aconchego;
 - f)** Esmigalhar;
 - g)** Corre-corre;
 - h)** Amoral;
 - i)** Entristecer;

BOM TRABALHO!!!!

PROPOSTA DE CORREÇÃO

Grupo I-

1-a; 2-c, 3-b; 4-d; 5-b; 6-c; 7-d; 8-b; 9-a; 10-b

O tecido, o ferro e a prata

Na aldeia havia uma mulher que tinha três filhos. O mais velho chamava-se Tecido, o segundo chamava-se Ferro e o filho mais novo Prata. Viviam felizes com a mãe na aldeia, no meio da floresta. Mas, um dia, uma grande carestia assolou a região, havia pouco que comer e a água escasseava. Os três filhos viram-se forçados a abandonar a casa materna para sobreviver noutros lugares. Antes de partirem, despediram-se da mãe e juraram não a esquecer e voltar para a levar com eles se conseguissem ter sorte.

Passaram-se dias, meses e anos. Os três filhos conseguiram sobreviver e ter êxito na vida. Tornaram-se reis nas aldeias onde se estabeleceram. Mas na luta pela sobrevivência e com o passar do tempo esqueceram-se da mãe. A pobre mulher sobreviveu como pôde, consumida pelas preocupações do dia-a-dia e pela velhice. Passava horas sentada à porta da sua cabana, à espera que algum dos filhos chegasse. Como não tinha quem a ajudasse, foi descuidando o seu aspecto: os seus vestidos gastaram-se e parecia uma pessoa abandonada por todos. Na sua pobreza, porém, não deixou morrer em si o desejo de voltar a ver os filhos. Um dia decidiu deixar a aldeia e pôr-se a caminho à sua procura. Vê-los, beijá-los antes de morrer, era o seu único desejo.

Chegou, assim, à aldeia onde Tecido se tinha tornado rei. Pediu informações do filho, que, segundo ouvira, se tinha tornado rei da localidade. Ao ver o seu aspecto, a gente não acreditou nela e queria impedi-la de chegar à cabana real. Afirmando ser sua mãe, finalmente, conseguiu chegar à presença do rei. Mas a sua desilusão foi grande. O jovem soberano, em vez de se levantar e a abraçar, mandou expulsá-la e pô-la fora da porta. Com o aspecto miserável com que estava, as roupas a desfazerem-se, o seu filho Tecido não a reconheceu. «Uma tal megera não pode ser minha mãe», disse com arrogância.

A mãe, ao sair da aldeia, amaldiçoou-o: «Honrar-te-ão enquanto pareceres bonito... mas acabarás remendado no monte do lixo!» E continuou o seu caminho à procura da aldeia onde Ferro era rei. A cena repetiu-se e a mãe, ignorada pelo filho Ferro, pronunciou entre lágrimas a sua maldição: «Na tua riqueza esqueceste a tua mãe. Os homens dão-te valor agora, mas acabarás os teus dias velho e ferrugento abandonado no monte do lixo.»

Com as forças de que dispunha ainda conseguiu ir até à aldeia onde o filho Prata era rei. Teve de lutar para convencer as pessoas de que era a mãe do rei e a deixassem chegar à sua presença. Mas o sonho dela realizou-se. O filho Prata, ao vê-la chegar, correu ao seu encontro e abraçou-a, sem olhar à sujidade em que ela se encontrava e à sua aparência pobre. Chamou as servas, que imediatamente tomaram cuidado dela, a lavaram e vestiram convenientemente. Tão contente de a ver, o filho fê-la sentar a seu lado.

A alegria da mãe foi tal que não resistiu à emoção... Antes de morrer abençoou-o dizendo: «Prata, meu benjamim, tinhas-me esquecido, mas agora reconheceste-me e remiste-te. Fizeste-me sair da miséria. Para ti vai a minha bênção: os homens amar-te-ão com um amor sem par, farão tudo para te possuir e nunca acabarás no lixo.» A mãe adormeceu-se nos braços do filho e, desde então, nunca se ouviu dizer que

algum objeto de prata tenha sido encontrado no monte do lixo, onde se encontram sempre tecidos usados e ferro velho.

In <http://www.alem-mar.org>

Grupo II (questões adaptadas do guião de leitura do manual *Diálogos 7º*, Porto Editora)

1. A ação passa-se no reino de Violeta e de Reginaldo, no palácio destes.
2. Estas cenas são muito importantes pois passam-se no final da obra, quando Violeta e o pai se reencontram, anos após este a ter expulsado do seu reino.
3. Resposta pessoal: O rei diz que nunca teve filhas porque a dor da traição que ele sente é tão grande que o leva a negar a sua existência. Além disso, também se nota que o velho rei tem momentos de loucura e de fraca memória, devido a tudo o que lhe aconteceu.
4. Apesar da sua memória não estar muito boa, o rei exaltou-se com o Bobo por este dizer que ele já não era rei e depois com Reginaldo. Não esqueceu o seu reino e o seu orgulho fá-lo recusar admitir que já não é rei, porque isso seria aceitar que foi traído pelas próprias filhas em quem confiou cegamente.
5. O pastor não está a ser sincero, pois sabemos, pelas cenas anteriores, que Violeta andava há muito à procura do pai e que quando o Pastor o encontrou foi imediatamente dar a notícia aos seus reis, contando que o convidou a visitar aquele reino.
 - 5.1. “Mesmo a minha Briolanja não tem mais nada que fazer senão andar aos segredinhos no palácio real...” (ll. 71-72)
 - 5.2. Para desviar o tema da conversa, o Pastor fala no banquete. Deste modo, o Bobo esquece de imediato as suas desconfianças.
6. Pelas didascálias, vemos que o rei vai mostrando cada vez mais o seu enorme desagrado pelo gosto da comida, pois começa por desviar a travessa sem dizer uma palavra antipática, mas acaba a atirar tudo ao chão e a até cuspir: “*o rei prova e delicadamente põe de lado*”; “*O rei prova e, enjoado, põe de lado*”; “*O rei prova, faz uma careta e põe de lado. A partir daqui sucedem-se, em ritmo muito rápido, as várias entregas dos pratos pelos criados, e a rejeição do rei, num crescendo de desagrado até acabar por dar um safanão nos criados, deitar ao chão as travessas, etc., etc....*”; “*explode*”; “*Cospe várias vezes*”).
7. Com este banquete, Violeta pretendia dar uma lição ao seu pai sobre o valor do sal e do seu amor por ele e que ele desprezou porque ligou mais à bajulação e falsidade das irmãs.
8. Sugestões:

Pontos de contacto: Rei com 3 filhas; as respostas à pergunta do pai; a expulsão da mais nova por responder que gostava do pai como a comida do sal; o reencontro após um banquete com comida sem sal;

Pontos de afastamento: a princesa no conto foi servir de criada e na peça tornou-se rainha; na peça as duas irmãs de Violeta traem o pai, abandonam-no e roubam-lhe o reino, mas no conto não; o estado degradado do rei só acontece na peça; na peça há outras personagens; no conto quem cozinha é a princesa, na peça são cozinheiras; no conto o reencontro dá-se no dia do casamento da princesa, etc(...)

Grupo III

1.
 - a) oração coordenada disjuntiva;
 - b) oração coordenada copulativa;

- c) oração coordenada adversativa;
- d) oração subordinada adjetiva relativa (restritiva)

2.

- a) O Pastor convidou o rei e o bobo para irem com ele pois estava tudo pronto para os receber.
- b) O rei disse que o bobo devia estar confundido, chamando-o de tonto e acrescentou que nunca tivera filhas. Por esse motivo é que eles estavam ali e juntos: porque não tinha tido ninguém que o sucedesse no reino e já estava velho demais para o governar.
- c) O príncipe Reginaldo disse ao rei que cheirava a violetas porque era a flor que enchia os jardins do seu reino.
- d) Violeta convidou o rei a experimentar o peixe.
- e) Violeta pediu ao rei que se acalmasse pois ali ninguém o queria matar.

3.

- a) composição morfossintática;
- b) composição morfológica;
- c) derivação por sufixação;
- d) derivação por prefixação;
- e) derivação não afixal;
- f) parassíntese;
- g) composição morfossintática;
- h) derivação por prefixação;
- i) parassíntese;